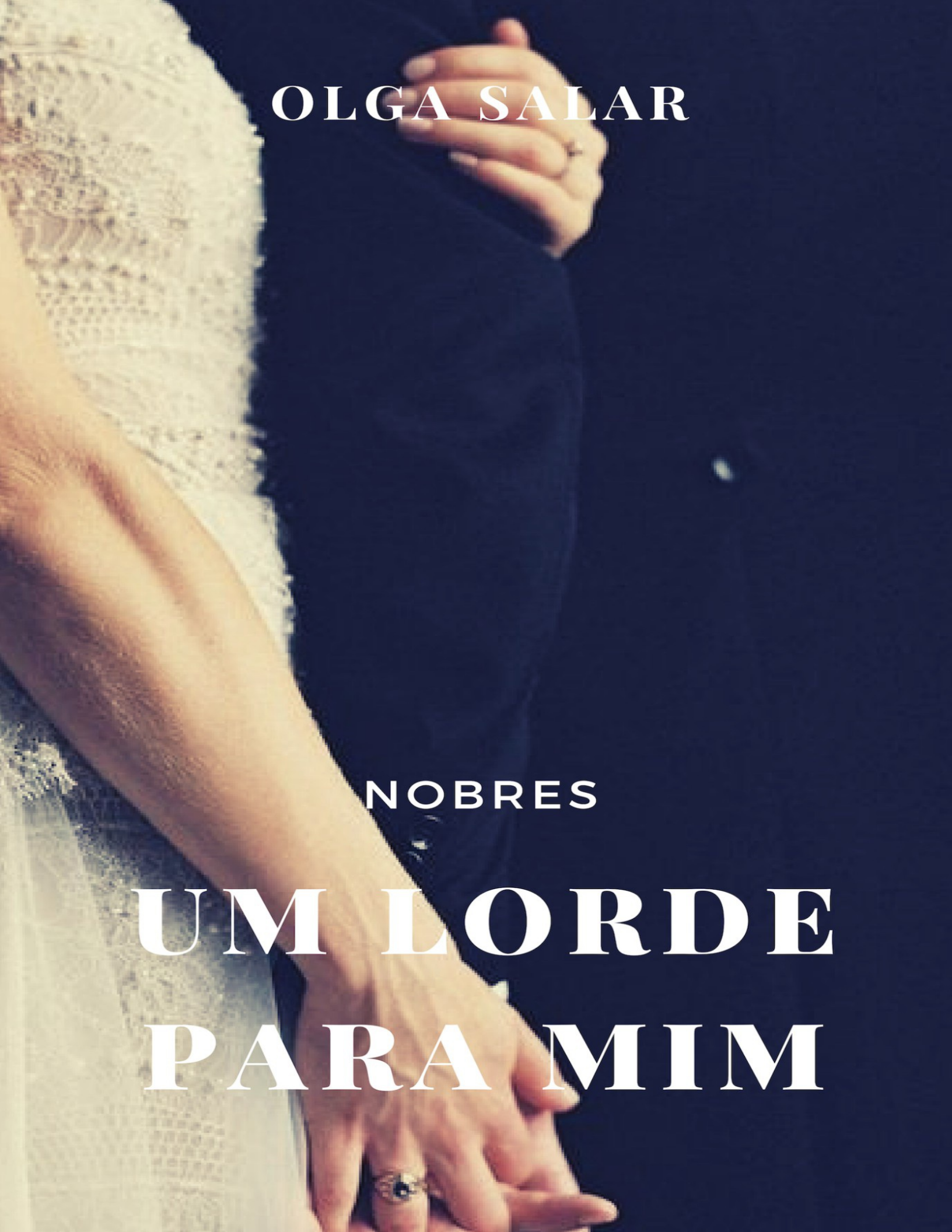




OLGA SALAR

NOBRES

UM LORDE
PARA MIM



Um Lorde Para Mim
(Nobres 02)

Olga Salar



Sinopse

Lady Vitória Warwick esteve apaixonada pelo mesmo cavalheiro desde que soube o que era o amor, embora o cavalheiro em questão preferisse a sua irmã mais velha, apesar de havê-los visto se beijar.

Lorde Sebastian Middlethorpe estava decidido a desfrutar de um par de anos mais de sua *solteirice* até que se deu conta de que certa dama se deu por vencida e não tinha em mente esperá-lo.

Prólogo

Lady Vitória Warwick sabia à perfeição o que se sentia quando lhe quebravam o coração. Tinha-o descoberto no instante em que viu o homem que amava beijar a sua irmã mais velha, atrás das sebes de seu próprio jardim, envoltos na intimidade que outorgava a solidão da tarde.

Dito acontecimento ocorreu exatamente no momento no qual o dono de seu coração elevou a cabeça apartando seus lábios dos de sua apaixonada e a olhou diretamente, sem arrependimento ou vergonha por ter sido descoberto em plena intimidade.

Por mais estranho que pudesse parecer, Vitória estava segura de ter escutado o instante preciso no qual seu coração se quebrava.

O som não foi o que se poderia supor para estes casos: cristais quebrados ou objetos fazendo-se pedacinhos contra o chão ou possivelmente o som de um relógio ao deter-se abruptamente. Para sua surpresa, o som de um coração quebrando-se em pedaços se assemelhava muito a um soluço, só que mais intenso, mais sombrio, imensamente mais angustiante.

Capítulo 1

«Ontem pela manhã a igreja de Saint George, em Hanover Square, estava tão cheia de mães chorosas que esta cronista pensou que ia ser necessário um desalojamento urgente para evitar males maiores. O duque favorito das matronas se casou, não é de se estranhar tanta desolação maternal».

Revista Segredos da Sociedade.

O único motivo pelo qual Lady Vitória estava disposta a manter uma conversa educada com certo cavalheiro era porque se encontrava no casamento de sua irmã e o cavalheiro em questão acabava de converter-se no novo parente da protagonista: a noiva.

Essa era uma circunstância para a qual não tinha escapatória.

Por tudo isso, teve que fingir um sorriso e aceitar a taça que lhe oferecia Lorde Sebastian Middlethorpe. Não obstante, permitiu-se fantasiar jogando o conteúdo da taça em seu rosto, partindo dali encantada.

— Não acredito que o barão Shelton seja uma boa companhia para você e, posto isto, tampouco me parecem ser o visconde Bloomberg nem o duque de Chespeake — comentou ele sem uma introdução prévia.

— Desconhecia que soubesse tanto a respeito dos cavalheiros com os quais falo — respondeu ela, negando-se a o olhar.

Desde a tarde em que se encontrou com Sebastian de braço dado com sua amante, uma cantora de ópera italiana, proibiu-se de olhar ou falar com ele além do que ditava a boa educação.

— É inevitável, frequentamos os mesmos lugares — confessou sem afastar o olhar dela.

— Nesse caso tem razão. Não são adequados para mim. Sebastian entrecerrou os olhos antes de perguntar.

— Adequados? Planeja encontrar um marido nesta temporada?

— Sim — revelou sem comprometer-se com uma resposta mais elaborada.

— Por que tanta pressa?

Torie deixou de evitar seu olhar e deu a volta para o observar de frente.

— Se tem que perguntar é porque não sabe nada da minha família.

— Sua mãe — aventurou ele.

Conhecia de primeira mão o desejo da condessa de Berbrooke de casar suas filhas. Tinha sido amigo de Brianna durante quase toda sua vida, além de viver a escassos quilômetros da família do conde, por isso não era uma surpresa que Lady Warwick decidisse casar sua única filha solteira.

— Exato. Agora que Brianna se casou centrará toda sua

atenção em mim.

Sebastian encolheu os ombros.

— Era inevitável, depois de quatro temporadas.

Vitória se negou a ofender-se, por isso continuou com sua atitude impassível, à espera de que os noivos partissem de sua própria recepção.

Conhecia Sebastian e sabia que esperava que ela se zangasse e lhe replicasse, mas não tinha intenção de fazê-lo. Por fim tinha terminado com ele e com o estúpido amor que tinha sentido durante grande parte de sua vida.

Tomara uma decisão e tinha toda a intenção de manter-se firme nela, ia casar-se e para isso precisava esquecer por completo a única pessoa que podia danificar seus planos.

— Sabe! Posso a ajudar se deseja encontrar um marido.

O olhar fulminante de Vitória nem sequer obteve que ele se alterasse. Parecia decidido a zangá-la.

— Conheço os defeitos de todos os cavalheiros da alta sociedade. Poderia a ajudar a escolher corretamente — e acrescentou em um tom velado de zombaria: — Casar-se é muito importante para fazê-lo levemente.

— É muito amável, mas não necessito de sua ajuda. Sou perfeitamente capaz de escolher meu futuro marido sozinha. — Partiu antes de ver o sorriso triunfal de Sebastian.

Capítulo 2

Lorde Sebastian sabia que era necessária a ajuda de uma mulher para conquistar outra. E embora até esse momento o que ele considerava conquista estava muito afastado de seus planos atuais, a norma era a mesma.

Por esse motivo evitou certa viúva que caminhava para ele, tentadora, e se aproximou da mãe da noiva com a intenção de conversar com ela e elogiá-la por quão bonita tinha ficado a recepção de casamento.

Resignou-se a passar um momento incômodo quando viu que a condessa estava falando com Lady Ellesmere, a maior fofoqueira de toda Londres.

— Bom dia, formosas damas. — Inclinou-se ante elas, cortês.

As duas mulheres sorriram, encantadas de que um bonito jovem se aproximasse delas.

Ele aproveitou a situação para adular a condessa lhe dizendo quão delicioso tinha estado o café da manhã e como tudo estava bonito, graças ao seu inestimável trabalho.

— Obrigada, Sebastian, celebro que o tenha desfrutado.

— Muito, milady.

Lady Berbrooke ia dizer algo mais, mas ficou calada ao dar-se conta de que sua amiga tinha o olhar muito fixo em

Lorde Sebastian.

— Lydia, o que olha com tanto interesse? — Inquiriu sem recato, embora fosse evidente que a quem olhava era ao cavalheiro que as acompanhava.

— Tem os olhos verdes — respondeu a aludida.

— Sei. Posso vê-lo.

— Os de seus irmãos são azuis — voltou a responder.

— Tenho os olhos de minha mãe. Meus irmãos têm os de meu pai, — sorriu forçado — mesmo assim, tudo fica em família.

Lady Ellesmere se repôs com rapidez, consciente de que se pôs em evidência. Ninguém olhava a alguém com tanto descaramento. A cortesia existia para algo.

— Sua mãe é uma mulher formosa.

Ele riu com vontade.

— Está tentando me adular, Lady Ellesmere?

A mulher se ruborizou e Sebastian compreendeu que tinha cometido um erro de cálculo.

— Não exatamente. Ambos sabemos o que se diz das pessoas com os olhos verdes.

— O que se diz? — Interveio a condessa. — Não estou a par desse tipo de comentários.

— Dizem que os que os possuem são invejosos e ciumentos — disse. — Se me desculpam, tenho que falar com Lorde Rotherham.

— Posso lhe assegurar que não sou nenhuma das duas coisas — explicou com certa ironia.

— Sei, querido, mas isso é porque nunca se apaixonou.

— Ah! Os ciúmes... é verdade, nunca me apaixonei, o que me leva ao motivo pelo qual desejo lhe falar.

A condessa abriu os olhos desmesuradamente, não podendo dissimular sua curiosidade.

— Falei com Vitória e me confessou que deseja casar-se esta temporada.

Os olhos da condessa brilharam de felicidade.

— O problema é que não estou muito seguro de que faça uma boa escolha. Vi-a falar com pessoas... pouco adequadas.

— Oh, Sebastian! Isso é verdade?

Ele assentiu com veemência. Sabia que acabava de ganhar uma aliada.

— Tanto é assim, que lhe ofereci minha ajuda. — E acrescentou: — depois de tudo, sou irmão de um duque e conheço toda a alta sociedade.

— É claro.

— O problema é que Vitória rejeitou minha ajuda.

Lady Rosalie Berbrooke entreceitou os olhos ao mesmo tempo que perguntava sobre a espécie de ajuda que Sebastian estava disposto a lhe oferecer.

— Poderia assessorá-la sobre quem é o cavalheiro mais conveniente para ela como marido.

— E por que faria isso?

— Aborreço-me, — mentiu — uma temporada é sempre igual à anterior e, agora que Marcus se casou e que mudei ao meu próprio lar, o aborrecimento me invade mais intensamente.

— Você também não pensou em se casar?

Ele não estava disposto a mentir tanto, por isso disse uma meia verdade.

— A verdade é que pensei, mas acredito que antes deveria ajudar Vitória. Se lhe parecer bem, é claro.

— Parece-me uma ideia maravilhosa.

Ele pôs uma expressão aflita, sabedor de que a condessa cairia.

— Acontece algo mais que eu deva saber?

— Vitória não deseja minha ajuda e eu não posso obrigá-la a aceitá-la, por mais que me preocupe seu bem-estar.

— Claro que não pode, mas eu sim — resolveu a condessa, encantada com a conversação que acabava de manter.

Se as coisas saíssem como esperava ia ter duas filhas casadas antes que finalizasse a temporada.

Capítulo 3

«Espero que esteja aprendendo muito sobre pintura na Itália, porque está perdendo uma temporada cheia de surpresas. E não falo só do casamento de Brianna. Oxalá estivesse aqui...»

*Fragmento da carta que Lady Vitória enviou à sua amiga
Lady Caroline Whinthrop.*

Vitória terminou sua conversação com Lady Julia Berkeley quando sua irmã se deteve ao seu lado. Era a primeira festa a que Brianna ia como Duquesa de Rothgar e, embora Julia e Caroline tivessem sido suas amigas desde sua primeira temporada, tinha a sensação de que sua irmã desejava lhe dizer algo em privado.

Sua expressão cautelosa não era própria de uma mulher felizmente recém-casada.

— Passeie comigo pelo salão. Há algo que tenho que lhe contar — anunciou sua irmã.

— Por que não me disse à tarde quando fui tomar o chá?

Brianna a olhou com pesar.

— Mamãe estava junto e é algo privado que não desejo compartilhar com ela.

Vitória cravou o olhar em sua irmã como se tentasse adivinhar o que a duquesa pretendia lhe dizer. Um brilho de

felicidade se acendeu ao acreditar que tinha descoberto o segredo que Brianna tentava esconder de sua mãe.

— Não me diga que está grávida?!

Ela se ruborizou, o que acentuou mais seu cabelo vermelho.

— Mal levo umas semanas casada, Torie.

A irmã encolheu os ombros.

— Acreditava que só era necessária uma vez para ficar grávida.

— Onde ouviu isso? Não, melhor não me dizer isso. Em qualquer caso não é isso o que pretendo lhe contar. É outra coisa.

— Diga.

— A verdade é que lhe ocultei algo e, embora o fizesse para a proteger, não sei se foi adequado.

— Agora começou a me assustar. Vai tudo bem com o Marcus?

— Sim, é claro. Marcus não tem nada a ver. É algo que tem a ver com Sebastian.

— Não me interessa nada que tenha a ver com seu cunhado, Bri.

— Sei, mas lhe dei minha palavra de que lhe contaria isso.

— Do que está falando?

— Recorda a tarde em que o vimos com a cantora de ópera pendurada em seu braço?

Esperou até que Vitória assentisse com a cabeça para continuar com seu relato.

— No dia seguinte veio para ver-me e me pediu que lhe

dissesse que ela não era sua amante.

— Pediu-lhe que me dissesse isso?

— Sim.

— Oh, meu Deus! Sabe, Bri, sabe o que sinto por ele.

Ao ver que sua irmã se alterava, Brianna a agarrou pelo braço e a conduziu com discrição até à sala habilitada para as damas. Depois de assegurar-se que só havia ali uma costureira, pediu-lhe com educação e uma gorjeta que as deixasse a sós, a moça partiu contente com o dinheiro que a duquesa lhe tinha dado para não fazer nada.

— Torie, está bem? Eu não queria lhe dizer isso, mas após falar com Marcus pensamos que era o melhor. Que Sebastian quisesse que soubesse supõe um interesse por você.

— Marcus também sabe — murmurou Vitória para si mesma.

— Acredito que teve uma conversa privada com ele quando lhe ofereceu a casa de Chesterfield Street, mas não me contou nada sobre o que falaram.

— Não vou poder encará-lo nunca mais. Com razão se ofereceu para me ajudar a encontrar um marido. Desejava desfazer-se de mim.

— Como diz? Explique-se, Torie. Não entendi nada.

Vitória lhe contou como a tinha abordado em seu casamento, e como, após saber que andava procurando um marido, ofereceu-se a ajudá-la a encontrar o cavalheiro perfeito para ela.

— Deveria aceitar sua proposta.

— Está louca?

— Não. É perfeito. Se não sentir nada por você e seu interesse em que soubesse a verdade sobre Maria era por pura vaidade, você deixará claro que não está interessada nele e, se o motivo for mais... pessoal, terá a oportunidade perfeita para o deixar ciumento e fazer com que ponha as cartas sobre a mesa de uma vez por todas.

— Jurei não voltar a me interessar por ele — explicou Vitória.

— Não pode manter uma promessa que lhe faz mal. É absurdo, querida. Descubra o que Sebastian quer de você e depois tome a decisão que a fizer mais feliz.

Capítulo 4

Sebastian entrou no White's acreditando não encontrar companhia. Nessa mesma tarde tinha decidido não ir ao baile dos Belleau, que acontecia nesse momento na sua mansão em Mayfair.

Sabia que a condessa teria falado com sua filha sobre a proposta que lhe tinha feito e não desejava vê-la tão cedo.

Necessitava que Vitória se acalmasse antes de a enfrentar e sua ira.

O que não tinha esperado era ver seus dois melhores amigos ali. Era evidente que não iam vestidos para um baile, pelo que deduziu que tampouco tinham intenção de ir a nenhum.

— Lady Bellau deve sentir-se desolada, — disse ao mesmo tempo que se aproximava de sua mesa e tomava assento ao lado de Lucius — já que perdeu a oportunidade de oferecer o marquês de Hawkscliffe e o visconde Edgehill às matronas desesperadas por casar suas filhas.

Phillip Sinclair, visconde de Edgehill fez um gesto com a mão como subtraindo importância ao assunto de que estivessem ali.

Lucius Whinthrope, marquês de Hawkscliffe sorriu a Sebastian e procedeu a lhe explicar a razão pela qual seu

amigo parecia tão aborrecido.

— Lady Alice Alvanley esteve a ponto de conseguir que sua armadilha tivesse êxito.

— Armadilha?

— Tentou parecer comprometida por Phillip diante dos Blechschmidt para o caçar.

Sebastian disfarçou uma gargalhada. Não queria que seu amigo se aborrecesse mais.

— Como demônios pôde chegar tão longe? Acaso não aprendeu nada em todos estes anos?

— Não esperava isso — queixou-se. — Acredito que não falei com ela mais que em duas ocasiões.

Hawkscliffe riu sem dissimulações.

— É muito irresistível para as damas. É sua carga na vida — zombou.

Phillip fulminou com o olhar o seu amigo, mas repentinamente se acalmou.

— Troquemos de tema — pediu. — Quando Caroline retorna da Itália?

Se algum dos dois cavalheiros que o acompanhavam achou estranho a pergunta o ocultou muito bem.

— Acabo de receber uma curta nota de minha tia dizendo-me que Alice decidiu retornar. Imagino que estará em casa em um par de semanas.

— Isso é estupendo, — apontou Sebastian — assim já não andarás tão preocupado por ela a todas as horas.

— Será pior. Terei que vigiar seus pretendentes e, se forem tantos como a temporada passada, vou ficar muito ocupado.

— Talvez não. Talvez Caroline já tenha feito sua escolha e só retorna para o informar — apontou Phillip.

— Não acredito que minha irmã se apaixonou em Itália, se é isso o que insinua. Minha tia não me falou de nenhum cavalheiro que tenha despertado interesse em Carol. — Hawkscliffe se levantou de um salto quando divisou um conhecido que acabava de entrar. — Já volto, tenho que falar com o Felton sobre um puro sangue que desejo comprar como presente de boas-vindas à minha irmã.

Phillip se resignou a não poder esclarecer suas palavras.

Quando elevou a cabeça se deu conta de que Sebastian o olhava fixamente.

— Não deveria ser tão veemente se não está disposto a lhe contar a verdade.

— Do que está falando?

Seu amigo encolheu os ombros.

— De acordo. Se quer seguir com seu jogo não serei eu quem o estragarei — disse Sebastian.

— Poderia, por favor, me explicar do que está falando?

— De Carol e de você, Edgehill. Estou a par de tudo.

Phillip pareceu perder a cor do rosto, o que, junto com seu cabelo castanho claro, mais comprido do que ditava a moda, e seus olhos azuis, conferiam-lhe um aspecto doentio que Sebastian nunca lhe tinha visto.

— Eu, não... — gaguejou sem chegar a dizer nada com sentido.

— Não vou delata-los. Não é necessário que se preocupe. Só lhe digo que deveria contar ao Hawkscliffe, é seu amigo e

estamos falando de sua irmã. A mulher a quem protege por cima de seus próprios interesses.

Phillip suspirou e se aprumou na cadeira.

— Caroline não quer que diga ainda. Prometeu-me que o faríamos quando retornasse.

— Caroline está a ponto de desembarcar, Phillip. Vá aplainando o caminho.

Capítulo 5

«Justos quando pensávamos que a temporada não podia ser mais aborrecida, começaram-se a produzir uma série de acontecimentos que nos fazem querer que esta não termine até que tudo fique bem fechado e devidamente documentado por esta revista.»

Revista Segredos da Sociedade.

Sebastian sabia que não podia ser tão fácil, mas a nota que tinha recebido de Vitória essa manhã era clara: tinha que passar e recolhê-la à hora do chá, para darem um passeio pelo Hyde Park.

A única opção que tinha sentido era que a condessa a tivesse obrigado a lhe escrever.

O que resultava pouco alentador para seus fins.

Obrigada por sua mãe ou não, era uma oportunidade que não pensava desperdiçar com absurdos escrúpulos. Por isso, apresentou-se no número 5 da Grosvenor Square à hora exata em que era esperado e ofereceu seu cartão ao mordomo.

Um minuto mais tarde a própria condessa saía a o receber e o convidava a tomar assento em sua sala privada, onde Vitória já o esperava.

— Espero que não se importe, Sebastian, mas obriguei

Vitória a aceitar que tomássemos o chá antes que partam.

O aludido arqueou uma sobrancelha, surpreso.

— É uma ideia estupenda, condessa — elogiou tomando assento ao lado de Torie.

Cooper apareceu com uma nova remessa de chá e a condessa se dispôs a servir sem necessidade de perguntas. Fazia muito tempo que conhecia Sebastian para não ter claro seu gosto pelo chá sem leite e sem açúcar.

O único motivo pelo qual tinha insistido em que ficassem uns minutos com ela era porque desejava descobrir o motivo oculto de Sebastian para ajudar Vitória. Porque, embora tivesse uma ligeira ideia, precisava estar segura de tudo antes de ficar de acordo com as coisas.

— Acredito que será melhor que nos ponhamos em marcha ou o parque estará tão cheio que mal poderemos nos mover — apontou Sebastian meia hora mais tarde.

Levantou-se para não deixar nenhuma dúvida sobre suas intenções. A condessa era muito observadora, disse-se. Não a recordava tão perspicaz.

— Por que não sobe para pegar seu chapéu, querida? Eu entreterei nosso convidado enquanto isso.

— Sim, mãe.

— Embora poderia dizer-se que não é nenhum convidado, — comentou, quando sua filha abandonou a sala — depois do casamento de seu irmão com minha filha já somos família e, quem sabe, poderíamos terminar sendo muito mais próximos, ainda tem outra solteira.

Ocultou um sorriso. Sim, era muito perspicaz.

— Seria uma honra, milady.

Caminhar pelo braço de Sebastian à vista de toda Londres era uma experiência que Vitória jamais teria imaginado que chegaria a cumprir e muito menos que a ideia surgiria dela mesma.

Depois de sua conversação com Brianna, tinha decidido seguir seu conselho e averiguar o que este pretendia com seu oferecimento.

— Talvez devesse começar me dizendo o que é que espera do matrimônio — pediu Sebastian muito sério, tirando-a de repente de seus pensamentos.

— Para que precisa saber?

— Preciso ter uma ideia do tipo de marido que procura e para isso é imprescindível saber o que é que espera dele.

— Suponho que tem sentido.

Ele sorriu sabendo que acabava de ganhar a primeira batalha.

— Eu gostaria de me casar com um cavalheiro a quem não lhe importe passar tempo comigo, que não me abandone por outra mulher e, acima de tudo, que respeite minha opinião e que a tenha em conta.

— Não disse nada sobre o amor.

— Já não sou uma tola debutante. Sei que o amor não é imprescindível para um matrimônio.

Ele a olhou como se tentasse adivinhar até que ponto dizia a verdade.

— Então não se importa que seu marido não esteja apaixonado por você? Asseguro-lhe que se procura fidelidade o primeiro passo para obtê-la é ganhar o afeto de seu marido.

— Como disse, o amor não é imprescindível.

— De acordo. Dei-me conta de que tampouco disse algo sobre títulos.

Vitória encolheu os ombros.

— Os títulos são como o amor, se os houver são bem-vindos e se não, são dispensáveis.

— Alguma preferência?

— Refere-se a se me interesse por algum cavalheiro em concreto?

Sebastian assentiu não muito seguro de mostrar-se impassível se ela desse o nome de alguém em concreto.

— Não. Estou disposta a seguir suas recomendações. Por isso o fiz vir para ver-me.

Ele pareceu relaxar com a resposta.

— Acredito que deveríamos começar esta noite. A que baile irá?

— Ao dos Alvanley. Não é o que eu teria elegido, depois de tudo não é um segredo que Alice Alvanley e eu não nos damos bem. É muito... vaidosa para mim. Embora isso não importe porque é ali onde irei, já que minha mãe se empenhou em não fazer uma desfeita aos seus pais, dado que debutamos juntas. Além disso, — acrescentou com pesar — depois de dois anos no campo, o baile que dão seus pais é uma espécie de nova estreia para ela.

— Foi muito magnânima alegando que Lady Alice é

vaidosa. Eu teria sido menos... amável.

— Não é má pessoa, — a defendeu Vitória — está muito segura de si mesma. Isso é tudo.

— E agora a defende. É uma caixa de surpresas, Torie.

Ela se ruborizou.

— É só que às vezes me incomoda sua atitude. Então recordo do Martin e sinto pena por ela. Antes não era assim. Mudou depois do trágico acidente.

Sebastian assentiu com pena.

— Martin era uma pessoa maravilhosa — declarou com profundo pesar.

— Era, e Alice também. A morte de seu irmão a fez ficar diferente.

— Bom... suponho que era inevitável. Ao serem gêmeos tinham um vínculo mais forte que qualquer outro casal de irmãos.

— Não posso imaginar o que seria perder Brianna, e nós nunca estivemos tão unidas como Martin e Alice.

De um modo inconsciente, ao perceber a tristeza de Vitória, Sebastian elevou a mão para acariciar sua bochecha. A descarga foi automática, como se um milhão de formigas subissem por seus dedos e avançassem por seu braço direto ao seu peito.

A respiração se entrecortou e teve que fingir uma tosse para não ser descoberto por Torie, que o olhava fixamente.

— Não pense nisso — murmurou. — Acredito que já vai sendo hora de que retornemos à sua casa. Sua mãe deve estar preocupada.

— É claro.

Capítulo 6

Era a primeira valsa da noite, e embora se aproximassem diversos cavalheiros para pedir-lhe para dançar, Vitória a tinha reservado se por acaso Sebastian a convidava.

Contra todo prognóstico sua mãe não tinha parecido se zangar e nem estar preocupada, porque rejeitasse tantos pretendentes que desejavam dançar com ela.

Para sua tranquilidade, tal e qual tinha desejado, Sebastian tinha-se aproximado dela para acompanhá-la à pista de dança.

— Não me perguntou se eu tinha a peça reservada — recriminou-lhe.

— Sabia que a tinha reservado para mim. De fato, a partir deste momento, e até que encontremos o cavalheiro perfeito para você, todas as valsas me pertencerão.

— Como diz?

— Que não pode dançar a valsa com ninguém que não seja eu.

— Não pode pretender que...

— Torie, querida, de verdade esperava que a ajudasse sem receber nada em troca? — Um sorriso malicioso se estendeu por seu rosto. — Não sou tão honorável.

— Está me dizendo que não me ajudará a encontrar o

marido adequado se me negar a lhe reservar todas as danças da noite?

— Não.

Ela respirou mais tranquila.

— Acabo de lhe dizer que não a ajudarei a encontrar um marido se não me reservar todas as valsas, desde este mesmo instante até o final da temporada.

A surpresa fez com que desse um pequeno tropeção. Ela, que era uma bailarina primorosa, pôs-se tão nervosa que tropeçou com seus próprios pés.

— É uma loucura. Vão falar de nós se eu não dançar a valsa com ninguém mais que com você.

— Vão falar de nós de qualquer jeito. Assim que se derem conta de que passamos mais tempo juntos.

— Não tinha pensado nisso — confessou. Seu plano não tinha ido além de descobrir o motivo do interesse de Sebastian em ajudá-la.

— Então, o que vai ser, Torie? Vai reservar-me as valsas ou vai procurar por sua conta um marido adequado?

— Isso é chantagem.

— Sei. Nunca disse que ia comportar-me bem. Só que a ajudaria.

— De acordo. Você ganhou.

— Estupendo. Agora como recompensa a acompanharei até onde está o barão de Mayne.

— O barão de Mayne? Ele é sua primeira proposta?

— Exatamente.

Vitória lhe lançou um olhar fulminante.

— O que acontece? É um cavalheiro educado, com muito boa posição, jovem... que defeito vai pôr-lhe?

— Tem mau hálito — sussurrou zangada.

Ele a olhou como se não a reconhecesse.

— Não posso acreditar que seja tão esnobe — a admoestou segurando a vontade de rir. — É um cavalheiro excelente e no único que se fixa é em seu pequeno defeito?

— Não é um defeito pequeno.

Sebastian suspirou exageradamente.

— De acordo, esqueçamos o barão de Mayne. O que acha de Doncaster? — Assinalou para onde estava o aludido falando com o marquês de Hawkscliffe.

Vitória enrugou o cenho. Doncaster era quase tão velho quanto seu pai.

— Não acredito que seja adequado. Não obstante...

— Sim?

— Acredito que Hawkscliffe seria perfeito para mim.

Durante vários segundos nenhum dos dois disse nada. Vitória porque estava dependendo da reação de Sebastian e este porque parecia haver ficado mudo de surpresa.

— Sua irmã é minha melhor amiga. Seria uma união perfeita.

— Impossível — resolveu sem dar explicações.

— Por quê?

— Hawkscliffe não gosta das loiras. É impossível que a veja desse modo.

Embora Vitória não dissesse nada, o comentário a deixou pensando no motivo pelo qual o marquês poderia menosprezar

as mulheres de cabelos claros.

Capítulo 7

Vitória procurava a sala das damas quando topou com Alice Alvanley no meio do corredor. Em lugar de estar brilhando em meio à sua própria festa, estava ali escondida, parada em frente a uma porta e, embora tivesse a mão estendida, não chegava a tocar a maçaneta para abri-la.

Isso foi o que despertou a curiosidade de Torie.

Observou-a uns segundos absorta em sua imobilidade.

Ela tinha o mesmo aspecto de sempre com seu lustroso cabelo negro brilhando à luz das velas e aquele porte altivo que a afastava tanto das demais garotas.

Esperou até que reconhecesse sua presença, mas estava tão concentrada que teve que chamá-la para captar sua atenção.

— Alice?

A aludida deu a volta com uma expressão cansada no rosto, mas se recuperou assim que viu Vitória.

— Está bem?

— Sim, ia em busca da costureira e me entretive.

— O que há aí? — Perguntou de um modo tão direto que teria envergonhado a sua mãe.

— Como?

— A porta. Para onde leva? — Esclareceu Vitória.

Os ombros de Alice se afundaram, e embora tentasse repor-se, não foi bastante rápida para que sua companheira não notasse.

— Era o escritório de Martin.

— Deseja que eu entre junto? — Ofereceu tentando ser amável.

Alice a olhou de frente e nessa ocasião não houve dúvida de sua expressão desolada.

— Não me permitem entrar — confessou.

A expressão confusa de Vitória fez com que fosse mais específica.

— Meus pais não me permitem entrar nem no escritório nem no quarto de Martin.

— Por que fazem isso? É normal que queira estar perto de suas coisas.

— É evidente o porquê. — E acrescentou com tom cansado. — Porque eu matei meu irmão.

— Foi um acidente.

Alice encolheu os ombros.

— De qualquer maneira foi minha culpa. Morreu para me salvar.

— Mesmo assim, não foi sua culpa. Ele decidiu a ajudar em lugar de esperar por alguém mais.

— Se não tivesse me metido no lago agora ele estaria aqui — confessou e Vitória notou como lhe tremiam os ombros ao tentar deter o pranto.

— Gostaria de dar um passeio pelo jardim comigo?

Ela a olhou com intensidade antes de responder.

- Por que está sendo amável comigo?
- Porque ninguém deveria passar pelo que está passando sozinha.

Capítulo 8

«Tem alguma ideia de por que seu irmão despreza as mulheres loiras? Há uns dias que não deixo de me perguntar isso.

*Fragmento da carta que Lady Vitória enviou à sua amiga
Lady Caroline Whinthrop.*

No dia seguinte, tal como Sebastian lhe tinha pedido, Vitória lhe reservou todas as valsas da noite. Teve a sorte de que só tocassem duas, por isso duas danças com o mesmo cavalheiro não eram suficientes para alertar ninguém do que estava acontecendo.

Além disso, embora Sebastian fosse rico como Creso e irmão de um duque, não era mais que o terceiro na linha sucessória ao ducado, assim estava menos vigiado que seu irmão Edward ou o próprio Marcus.

— Que tal está em sua nova casa?

— Maravilhosamente bem. É agradável viver ali. Sobre tudo porque é o lar que meu pai escolheu para mim.

— Oh!

— Tem muitas coisas que lhe pertenceram. A biblioteca é meu recanto favorito da casa.

— Seguramente é formosa.

— Por que não vai vê-la?

Vitória se ruborizou até à raiz do cabelo.

— Não posso fazer isso. Se alguém me visse minha reputação estaria arruinada — declarou.

Não compreendia por que Sebastian lhe tinha proposto semelhante loucura, qualquer pessoa sabia que uma dama solteira não podia visitar a casa de um cavalheiro e continuar mantendo seu bom nome.

— Escreverei uma nota a Brianna para que a acompanhe — ofereceu.

— Nesse caso eu adoraria ver sua casa.

— Então está certo. Comentarei com ela quando for reivindicar minha dança — comentou, enquanto levava Vitória até à mesa das bebidas, para que se refrescasse depois do exercício.

Para seu completo mal-estar não chegaram a ela, porque foram interceptados por Lorde Burns, que chegou para reivindicar a dança prometida.

— Lady Vitória, — saudou ao mesmo tempo que lhe oferecia o braço — Sebastian.

— Vamos pegar uma limonada. Está exausta depois da dança.

A aludida lançou um sopro indignado.

— É claro que não estou exausta. Além disso, prometi a seguinte peça a Lorde Burns.

— Se for verdade que está cansada eu mesmo a acompanharei para pegar um refrigerio.

— Não será necessário, milorde, estou perfeitamente bem

para dançar com você — anunciou ao mesmo tempo que fulminava Sebastian com o olhar.

Como se atrevia a rejeitar um convite em seu nome? Ou a insinuar que estava cansada?

— Nesse caso, — inclinou ligeiramente a cabeça ante Sebastian com uma expressão de triunfo nos olhos — encantado de o saudar Middlethorpe.

Vitória estava tão aborrecida que nem sequer se despediu dele. Permitiu que seu par a levasse à pista de dança e nem sequer foi consciente do que este lhe estava dizendo.

Por que Sebastian atuava de um modo tão estranho? Aparentemente tinha se devotado a ajudá-la a encontrar o marido adequado para ela, mas o único que tinha feito era tentar emparelhá-la com cavalheiros que não eram de seu agrado e afastá-la dos que lhe pareciam interessantes.

Brianna teria razão e havia alguma possibilidade de que ele estivesse interessado nela?

Estava há vários dias sem falar com sua irmã, mas a última vez que discutiram o tema, Bri destacou essa possibilidade.

— Está bem, milady? — Inquiriu seu par, questionando-se se tinha sido verdade o comentário de Sebastian sobre sua indisposição.

Uma ideia foi à mente de Vitória com tanta nitidez que a fez sorrir amplamente.

— Na realidade me viria bem um passeio pelo jardim. Estou acalorada. Se importaria de me escoltar, Lorde Burns? Ficaremos onde haja gente para que não caiba nenhuma

dúvida do motivo de nosso passeio.

— Será uma honra.

Capítulo 9

«A festa que os condes de Ramsford deram, depois de seu período de luto em sua casa ancestral do Kent, foi todo um êxito. O único momento que ensombrou a noite foi a lembrança que todos os presentes tiveram do grande ausente da noite».

Revista Segredos da Sociedade.

Sebastian sabia em todo momento onde e com quem estava Vitória.

Inclusive enquanto dançava com Brianna tinha certeza de que ela acabava de abandonar o baile pelo braço de Lorde Burns a caminho do terraço que dava ao jardim principal.

— O que acontece com você esta noite? Está distraído — repreendeu-o sua cunhada.

— Sua irmã acaba de sair ao terraço pelo braço de Lorde Burns.

— Mamãe ficará encantada — disse esta com indiferença.

Sebastian não perdeu tempo dando explicações. Parou no meio da dança, pegou sua amiga pelo braço e a afastou até uma lateral, na qual havia uma janela aberta para refrescar o carregado ambiente.

— O que faz, Sebastian? Queria dançar esta peça — queixou-se Brianna.

— Me assegurando de que ele não ultrapasse os limites com ela — anunciou enquanto olhava na direção que tinha tomado o casal.

Brianna afogou uma exclamação.

— De verdade crê que ele seria capaz disso?

— Não tenho nenhuma dúvida — mentiu com descaramento.

Lorde Burns era um baronete muito apegado às convenções para tentar ultrapassá-las com uma dama, por mais formosa que esta fosse.

Brianna procurou com o olhar o seu marido, mas ao overentretido com Hawkscliffe e com o visconde Edgehill, não tentou captar sua atenção. Marcus trabalhava muito. O ducado o mantinha quase toda a manhã ocupado, e quando não estava trabalhando estava com ela. Merecia um pouco de diversão masculina.

— Por que não damos um passeio? — Ofereceu Brianna. — Pelos velhos tempos.

— Acreditava que nunca me pediria isso.

Lorde Burns era tedioso e isso era o mais gentil que se podia dizer dele sem converter-se em uma harpia.

Estava tão obcecado com as maneiras, que não era capaz de falar de nada interessante.

Segundo ele as conversações adequadas entre uma dama e um cavalheiro tinham que limitar-se ao tempo ou a algum evento ao qual ambos tivessem assistido.

Tudo o resto, incluindo qualquer assunto interessante, ficava fora do correto, segundo seu estrito critério.

— Torie — chamou Brianna.

Surpreendida de que sua irmã tivesse saído ao jardim se virou, topando com Sebastian, que a acompanhava.

— Que surpresa!

— Sua irmã não suportava mais o calor e me ofereci a acompanhá-la. Depois de tudo, é minha irmã favorita.

— Pobre Jane — comentou Brianna, embora fosse evidente quão encantada estava com o elogio.

— Certamente é muito desprezado de sua parte fazer um comentário tão público sobre suas preferências — admoestou o baronete.

— Minhas preferências são do domínio público, não acredito que surpreendam ninguém — disse em um tom que pretendia scandalizá-lo.

Brianna interveio para que o assunto não aumentasse.

— É claro que sim, querido. Toda a alta sociedade sabe que somos amigos desde sempre. Estou segura que Jane compreende.

— Amigos? Crê possível uma amizade entre um homem e uma mulher? — Inquiriu Burns.

Embora a pergunta fosse dirigida a Vitória, foi Brianna quem enlaçou seu braço ao do barão e respondeu a sua pergunta.

— Diga-me que não estavam espiando — perguntou quando sua irmã se adiantou pelo braço de seu acompanhante.

— Não posso. Estávamos espiando.

— Por quê?

— Não confio nele.

Vitória explodiu em gargalhadas. Tentou dissimular colocando uma mão diante da boca, mas a ideia de que Lorde Burns fosse perigoso lhe resultava tão divertida que não podia parar de rir.

— É o homem mais aborrecido que jamais conheci — declarou quando conseguiu se controlar.

— Então por que saiu com ele?

— Você merecia uma lição — disse desafiante e antes de lhe dar tempo a responder passou a andar atrás de sua irmã.

Sebastian reagiu em poucos segundos, pegando-a pelo braço e levando-a justamente para o lado contrário ao que Torie pretendia ir.

— O que faz? Me solte agora mesmo — exigiu.

— Em seguida, milady.

Apesar de suas palavras, seguiu arrastando-a até que decidiu que o lugar eleito era suficientemente discreto para falar sem temor a serem escutados.

Soltou-a assim que se assegurou de que estavam sozinhos.

— Pode-se saber... — não lhe permitiu terminar.

— Agora é minha vez de lhe dar minha lição — disse um instante antes que sua boca caísse sobre a dela.

Roçou sua boca com a dela uma vez, logo outra, muito brandamente. Vitória abriu os lábios com um rouco suspiro e ele aproveitou o convite para aprofundar o beijo.

Imediatamente se perdeu no embriagador perfume a lilás

que emanava de sua pele e no delicioso sabor de sua boca. Deslizou uma mão até sua cintura e a atraiu mais para ele, colando-a ao seu corpo. Era tão suave como sabia que seria. Cálida e voluptuosa, ela tinha um gosto tão doce, tão bom, que se esqueceu de tudo o que os rodeava.

Aprofundou mais o beijo e sua língua explorou o calor de sua boca. Vitória vacilou durante vários segundos, e logo, com um gemido rouco, abriu os lábios e tocou a língua dele com a sua. E de repente, o que ele tinha pensado que seria um simples beijo, uma lição de que não ia brincar com ele ao seu desejo, transformou-se em luxúria. Urgente e intenso como nada que houvesse sentido antes.

Separou-se dela ao compreender que se não o fizesse perderia a batalha contra seus sentidos.

Quando a afastou de seu corpo, Vitória respirava com dificuldade e, olhava-o com uma expressão velada entre o desejo e a surpresa.

— Espero que tenha aprendido a lição — disse-lhe tirando a importância do beijo que tinham compartilhado. — Comigo não se brinca.

Capítulo 10

Vitória não tinha tido o ânimo suficiente para dizer à sua irmã que não ia acompanhá-la nessa tarde à casa que Sebastian tinha em Chesterfield Street. Inicialmente tinha aceito o convite, mas as coisas mudaram depois de seu encontro no jardim dos Ramsford.

O beijo que lhe deu foi excitante e intenso, tanto que Vitória não pôde concentrar-se durante o resto da noite, rememorando cada instante, inclusive o pouco valor que Sebastian lhe tinha dado. O que para ela tinha sido o melhor beijo de sua vida, para ele não tinha sido mais que sua maneira de se vingar dela, por lhe haver replicado quando pretendeu que se fingisse cansada para evitar dançar com Lorde Burns.

Nem sequer tinha se incomodado em compreender que fazê-lo, fingir-se cansada, teria suposto mostrar uma debilidade que não tinha. E, certamente, não estava disposta a mostrar-se fraca em nenhuma circunstância.

Tentou fingir-se alegre quando sua irmã apareceu em casa com um sorriso de orelha a orelha, porque Marcus, contra o sentido comum, tinha permitido que Brianna não só tirasse sua carruagem das cavaliças, mas além disso, fosse conduzi-la.

— Brianna, filha, está segura de que pode fazê-lo? — Estava dizendo sua mãe quando desceu ao salão.

— Cheguei até aqui — anunciou com orgulho, embora tanto o duque quanto os condes vivessem em Grosvenor square.

— Não há dúvida de que seu marido está louco por você — afirmou Vitória entrando na sala.

— Eu diria melhor, ele está louco. Por que não levam Thomas? — O criado das cavalaria tinha experiência testada e aprovada.

— Não precisa, mamãe. Sou perfeitamente capaz de chegar à casa de meu cunhado por minha própria conta.

A condessa pareceu dar-se por vencida.

— De acordo, mas por favor, me enviem uma nota quando estiverem lá.

Vitória dissimulou um sorriso.

— É claro, mamãe — concedeu Brianna ocultando quanto ofendida se sentia porque duvidassem de suas capacidades. — Vamos, Torie! A levarei para dar um passeio antes de nos determos definitivamente na casa de Sebastian.

Brianna sorriu encantada quando escutou o gemido afogado de sua mãe.

— Isso foi muito desconsiderado.

— Ela foi mais.

— Só está preocupada. É normal. Não há muitas mulheres que conduzam carruagens.

— É verdade — concedeu. — Tenho o marido mais maravilhoso do mundo.

A mansão em que vivia Sebastian estava situada no melhor lugar da rua. O escasso sol que luzia essa tarde dava diretamente na entrada e nas janelas superiores.

Assim que detiveram a carruagem na porta, dois lacaios se encarregaram das rédeas e levaram o coche às cavalariças.

— É uma casa muito bonita — anunciou Brianna.

— Já a viu?

— É claro.

— Então para que estamos aqui?

— Para que você a veja.

Vitória ia alegar que nesse caso o melhor era partir, porque ela não tinha nenhum interesse em vê-la, mas nesse preciso instante a porta se abriu e o mordomo as convidou a entrar com uma cortesia impecável.

— Boa tarde, excelência. Lady Warwick, sejam bem-vindas.

— Obrigada, Hills — saudou Brianna, ganhando imediatamente o afeto do servente ao ter recordado seu nome.

— Milorde as espera no salão familiar — anunciou lhes assinalando o caminho para que o seguissem.

— Salão familiar? — Inquiriu Brianna com ironia.

— Milorde se nega a chamá-lo salão azul, excelência. — E acrescentou em um tom neutro. — Acredito que é possível que necessite redecorar a casa para que esteja mais ao seu gosto.

— Talvez esteja esperando casar-se para fazê-lo — apontou a duquesa piscando o olho à sua irmã.

— Isso espero, excelência, isso espero.

Capítulo 11

Reencontrar-se com Sebastian após sua desavença foi menos traumático para Vitória do que ela esperava. E foi graças à atitude do próprio interessado, que se mostrou solícito e atento, certamente tentando redimir-se ante ela.

Por mais que tentasse fazer-se dura se viu obrigada a ceder quando ele pôs tanto esmero em lhe mostrar seu lar. Não havia dúvida de que era uma pessoa diferente da que tinha rompido seu beijo de forma brusca e pouco cavalheiresca.

— É uma casa perfeita para uma família — comentou uma sorridente Brianna.

— Essa era a ideia do meu pai. Por isso legou um lar para cada um de nós. — Havia melancolia em seu tom cada vez que falava de seu progenitor.

Torie o recordava à perfeição, apesar dos anos que tinham passado desde seu falecimento ao cair do cavalo. Parecia-se com Marcus. Circunspeto, mas com um ponto rebelde que recordava mais a Sebastian que ao duque.

— Talvez seja a hora de o fazer.

Ele olhou sua cunhada com um sorriso travesso antes de responder.

— Primeiro você tem que me dar sobrinhos. Muitos sobrinhos aos quais eu mimar — riu ao vê-la ruborizar-se.

Sua amiga tinha a tez tão clara e o cabelo tão vermelho que se notava a léguas qualquer mudança no tom de sua pele.

— Apoio a proposta — disse uma voz masculina conhecida às suas costas.

Os três se voltaram para topar-se com o resto da família. Marcus se aproximou de sua mulher e a beijou sem preocupar-se de que seus irmãos o vissem.

Edward, mais galante, aproximou-se de Vitória com Jane agarrada em seu braço para saudá-la.

— Torie, que prazer vê-la! — Conheciam-se desde sempre, não havia necessidade de formalidades entre eles. Com a confiança que lhes conferia haverem se criado juntos se inclinou para lhe dar um beijo na bochecha.

— Edward, Jane, me alegro muito de os ver.

— Marcus nos disse que iam estar todos aqui e decidimos nos unir ao grupo — contou Jane sorridente.

— Nesse caso é de lei dar por inaugurada minha casa — brincou Sebastian.

— Falta mamãe — reprovou Marcus.

— Não posso acreditar que nenhum de vós, fofoqueiros, não tenha contado à mamãe.

— É óbvio que me contaram, — anunciou a duquesa viúva aparecendo pela porta — ao menos seus irmãos me têm em conta — queixou-se.

Sebastian demorou dois segundos em cruzar a sala para abraçar e beijar sua mãe. A duquesa, apesar de sua idade, era tão formosa como seus filhos eram bonitos. Compartilhava com o mais novo o mesmo tom esverdeado dos olhos.

— Já estamos todos — apontou o duque abraçando Brianna.

Vitória se sentiu de repente como se tivesse penetrado no meio da cena familiar. Ela só era a irmã de Brianna, não pertencia realmente ao clã dos Middlethope, por mais que o desejasse.

— Milorde, — interrompeu Hills entrando no salão — dado que está toda a família reunida, possivelmente desejaria os convidar para jantar? A cozinheira tem um bom sortido de carnes frias para a ocasião — ofereceu.

— É uma ideia excelente, Hills, mas por favor, não prepare a grande sala de jantar, jantaremos na sala de café da manhã. Como bem disse, estamos em família.

— Talvez milady queira enviar uma nota a sua mãe, para avisá-la de que não irá jantar? — Apontou olhando Vitória e pensando até no último detalhe.

— Seria perfeito, obrigada, Hills.

O mordomo se inclinou ante Vitória e se dispôs a partir.

— Onde o encontrou? É maravilhoso — comentou Jane assim que Hills desapareceu pela porta.

— Não é meu mérito. Veio com a casa.

— Fui eu quem o contratou, — a duquesa se aproximou de Vitória para saudá-la — está há mais de quinze anos com a família. Se não fosse porque me acostumei ao Carter o roubaria.

— Estou seguro de que jamais me abandonaria, mãe — Sebastian riu de muito bom humor.

Tal e como tinha anunciado Sebastian, o jantar foi informal, por isso se encontrou sentada entre a duquesa viúva e o anfitrião.

— Encontrei-me em Florença com Lady Caroline e sua tia. São muito amigas, não é?

— Carol é minha melhor amiga. Conhecemo-nos meninas na Escola para Senhoritas de Lady Bloomberg e depois não nos separamos — fez uma pausa. — Mesmo agora que ela partiu à Itália para cumprir seu sonho de estudar pintura.

— Itália é em si mesma um sonho. Estou desejando voltar.

— Oh! Não sabia que ia partir de novo.

A duquesa viúva suspirou com pesar.

— Não tenho planos para fazê-lo a curto prazo. Não voltarei a viajar até que Sebastian se case. Já tive que retornar a toda pressa para o casamento de meu primogênito e não tenho intenção de permitir que ninguém ocupe meu lugar na organização deste casamento.

Vitória sorriu. A duquesa falava dela como se fosse coisa certa e, pelo que sabia, Sebastian nem sequer se expôs abandonar sua vida de solteiro.

— Chegou a tempo para ajudar Brianna e a minha mãe. Graças a isso a cerimônia foi linda.

Ela fez um gesto desdenhoso com a mão.

— Foi linda porque ambos estão loucos um pelo outro. Não se necessita muito para que um casamento por amor seja um êxito.

— É verdade.

— É claro que é. Vai ser uma noiva linda quando o homem

adequado a levar ao altar — predisse, e Vitória quase pôde jurar que estava olhando ao seu filho enquanto o dizia.

Capítulo 12

«Sou uma completa parva, Caroline. Não sei como aconteceu, mas volto a estar perdida e, o pior de tudo é que, desta vez, é só culpa minha.»

*Fragmento da carta que Lady Vitória enviou à sua amiga
Lady Caroline Whinthrop.*

O dia depois da reunião familiar na casa de Sebastian trouxe para Vitória duas surpresas inesperadas. A primeira foi que, contra todo prognóstico, sua mãe não fez nenhuma pergunta nem nenhuma alusão à festa que perdera, para passar o tempo com os Middlethorpe.

Dado seu afã por vê-la casada, resultou estranha a calma com a qual recebeu o aviso de que não iria a nenhum baile naquela noite.

A segunda surpresa chegou em forma de nota. Um convite para tomar o chá assinada por Alice Alvanley.

Vitória não se sentiu com ânimos para rejeitá-la. Além disso, depois de passar parte da noite com ela, tinha descoberto que gostava dela. Não se parecia em nada à moça com a qual tinha estudado na Academia para Senhoritas. A morte de Martín a havia tornado mais incisiva, decidida e valente, o que supunha um sopro de ar fresco comparada com

o resto das damas que frequentava.

Quando Carol retornasse da Itália ia ter uma surpresa. Alice e ela nunca tinham se dado bem. Alice sempre tinha tido ciúmes do interesse que Martin, seu irmão gêmeo, tinha em sua amiga e por isso ambas mal se suportavam.

Acompanhada de sua criada pessoal, saiu para cruzar a rua que a separava da casa de Alice. Recebeu-a o mordomo e imediatamente a acompanhou até à estufa.

Surpreendeu-lhe ver Alice atarefada com as plantas. Estava tão absorta que não se deu conta de sua presença até que o servente a anunciou.

— Bem-vinda, Vitória. Obrigada por aceitar meu convite.

— Foi um prazer.

— Se não lhe importa tomar o chá aqui... — assinalou uma linda mesa de madeira lavrada com cadeiras combinando. — É meu lugar favorito da casa. Aqui ninguém nos incomodará.

— É lindo — comentou observando o que a rodeava.

A laranjeira anã, as orquídeas e um sem-fim mais de plantas, cujo nome desconhecia, as rodeavam, conferindo à cena um ambiente bucólico.

— Quince, pode pedir que nos tragam o chá aqui, por favor?

— Às suas ordens, milady — inclinou-se com uma exagerada reverência e Vitória teve que segurar a risada.

Quando olhou à Alice se deu conta de que ela também sorria.

— Quince é maravilhosamente exagerado em tudo o que faz. Estou segura de que com o chá nos enviará uma bandeja

enorme de bolos que não poderemos terminar nem que saltássemos o jantar.

A conversação seguiu seu curso natural e ambas se mostraram cómodas uma com a outra. Nem sequer quando a anfitriã tirou o tema que a tinha levado a escrever a Torie houve desconforto entre ambas.

— Suponho que está a par das intrigas, mas me considero em dívida com você, — acrescentou para deixar claro ao que se referia — pela outra noite.

— Não fiz nada.

— Isso não é verdade. Impediu que me derrubasse diante de toda a alta sociedade londrina.

Vitória não se atreveu a contradizê-la porque ambas sabiam que era verdade. A imagem de Alice de pé em frente à porta do gabinete de seu irmão seguia lhe quebrando o coração.

— Seja como for, o que pretendia com meu convite era a pôr de sobreaviso sobre o que se comenta.

— Que intriga inventaram agora que já não podem falar da minha irmã?

— Não é uma intriga. Especula-se que em breve vai sair uma nota no Times anunciando seu compromisso com Sebastian Middlethorpe. Que se nega a dançar a valsa com outro que não seja ele incrementa os falatórios.

— Mas não é verdade que vou comprometer-me com Sebastian.

Alice lhe sacudiu a mão com afeto.

— Normalmente as intrigas que triunfam são as que menos

sentido têm. Embora tenha de lhe confessar que, nesta ocasião, não me parece uma loucura.

— O que é uma loucura é acreditar que ele está interessado em mim desse modo.

— Essa é precisamente a parte mais credível da história, Torie. Vi como a olha e como olha a todos os homens que se aproximam de você.

— Não estou segura de qual é a sua intenção — confessou finalmente.

— Nesse caso, por que não pergunta?

— Não acredito que seja boa ideia.

— Muito bem, então pergunte a si mesma, quer que a peça em matrimônio?

Sem saber por que confiava nela assentiu com a cabeça. Alice sorriu ao dar-se conta da confiança que tinha depositado nela.

— Não há dúvida de que deveria fazer algo para que seu desejo se cumpra.

— Não é tão fácil...

— Asseguro-lhe que sei disso. Estou disposta a me casar, quase que com qualquer um, contanto que escape desta casa.

— Qualquer um?

— Não posso me permitir ser exigente. Se tiver que viver aqui muito mais tempo morrerei. De momento tolero graças aos criados e às minhas plantas, mas não sei se vou ser capaz de suportar uma temporada completa. Além disso, estou a ponto de me converter em solteirona — brincou.

— Não pode ser tão mau.

— Asseguro-lhe que é. Por que crê que tentei comprometer Edgehill? Estou desesperada para escapar.

— Alice! — Vitória levou a mão à garganta, surpreendida pela sinceridade de sua nova amiga.

— É a verdade. Meus pais mal resistem à minha presença e o mesmo me acontece com eles. Sou *persona non grata* em grande parte do tempo em minha própria casa.

Vitória esticou a mão e agarrou a dela, oferecendo-lhe consolo.

— Teria que ter tentado com o conde de Alender. Não teria tido tantos escrúpulos em a desonrar.

Alice sorriu de orelha a orelha.

— Vitória Warwick, é muito mais interessante do que supunha. E eu adoro.

Capítulo 13

«Já advertimos, umas semanas atrás, quão surpreendente estava resultando esta temporada e agora nos volta a deixar com a boca aberta, ao unir em sagrada amizade duas damas que não podiam ser mais distintas: Lady V e Lady A»

Revista Segredos da Sociedade.

Em seu afã por tirar sua amiga de casa e de sua estufa, Vitória organizou uma saída pelo Hyde Park com Alice e Brianna no dia seguinte. Tal e como esperava, sua irmã, em seguida, entendeu o caráter direto da morena e, longe de a incomodar, agradou-lhe sua franqueza.

Não obstante, embora falasse com plena liberdade de tudo, era uma pessoa muito fechada quando se tratava dela mesma. Além da confissão de que estava decidida a casar-se nessa temporada, não tinha contado nada a Torie, que pudesse ajudá-la a conhecê-la melhor.

Parecia uma mulher calorosa e valente. Não obstante, viu-a fraquejar quando se toparam com os antigos amigos de seu irmão, que não se detiveram para falar com ela. Quando retomaram a marcha Alice demorou seus bons quinze minutos em recompor-se e voltar a ser a mesma moça faladora e divertida que Vitória tinha descoberto.

— Esse que vem por aí não é seu cunhado, Brianna?

A duquesa se virou sorrindo. Era evidente por que tinha feito o comentário implicando-a. Tratava de fazer Torie saber quem chegava sem comprometê-la.

— Sim, querida. Meu cunhado e seus amigos.

Detiveram-se para esperar que os cavalheiros as alcançassem, e, depois das saudações de rigor, estabeleceram-se uns curiosos casais, propiciados pelo estreito caminho que percorriam.

Como era de esperar, Torie acabou no braço de Sebastian, Brianna foi escoltada pelo visconde e Alice teve que conformar-se com o marquês de Hawkscliffe, o mais sério e circunspeto de todos eles.

Não soube se seus acompanhantes se atrasaram de propósito ou se foram sem se darem conta, o caso é que Vitória acabou sozinha com Sebastian no Hyde Park.

— Estou há dias querendo ter a oportunidade de me desculpar com você.

Embora conhecesse a resposta formulou a pergunta.

— Por que deseja se desculpar exatamente?

— Pelo beijo — disse baixando a voz a um sussurro.

— Entendi.

— Não me desculpo por a haver beijado. Na realidade o faço por minha reação posterior.

Internamente Vitória suspirou aliviada.

— Aceito suas desculpas.

— Obrigado — fez uma pausa que não augurou nada bom.

— Há algo mais.

Ela esperou que ele voltasse a falar.

— Temos que nos casar. — Sebastian se deteve no meio da frase para escutar sua réplica, mas parecia que tinha ficado muda, então aproveitou que não o interrompeu para expor seu ponto de vista. — Cometi um engano. Não deveria lhe haver pedido que me reservasse todas as valsas. Embora isso agora não importe porque todos já estão falando do nosso iminente compromisso. Inclusive minha mãe veio a minha casa esta manhã para começar a organizar nosso casamento.

Vitória se deu conta de que falava com absoluta normalidade, não parecia emocionado com a ideia, mas tampouco contrariado.

— Me surpreenderia que não tivesse falado já com sua mãe para ficar de acordo — seguiu falando.

— Isto é uma loucura! Não há necessidade de organizar um casamento por algumas intrigas.

— Por fim sua voz soou. Pensei que a tinha deixado muda pela impressão.

— Estou perfeitamente bem e não vou casar-me com você só para evitar as fofocas mal-intencionadas.

— Fará, Torie. Não tem outra opção. Nossas famílias são próximas. Nossos próprios irmãos estão casados, por Deus. Não podemos evitar as intrigas. Ao menos não desta vez.

— Não acredito que seja tão grave — comentou, apesar de saber a verdade pelos lábios de Alice.

Fosse como fosse, não ia casar-se com Sebastian pelas razões equivocadas. Desejava que ele a amasse, não que se visse obrigado a convertê-la em sua esposa, para proteger sua

reputação.

— Não vou permitir que se desonre — resolveu. — Nos casaremos! O quanto antes!

E antes que ela pudesse fazer algo para detê-lo fincou um joelho no chão e tirou um estojo de veludo do bolso do colete. Ali mesmo, em meio ao Hyde Park, onde toda a alta sociedade passeava prestando mais atenção às conversações alheias que às próprias, o homem ao qual tinha amado sempre lhe pediu que se casasse com ele, embora seus motivos não fossem os que ela ansiava.

Capítulo 14

Alice escutava a animada conversação que mantinham Brianna e o visconde de Edgehill a uns passos adiante dela e se lamentava pela má sorte que a tinha levado a caminhar pelo braço do marquês de Hawkscliffe.

Devia reconhecer que Phillip tinha manobrado com graça. Tinha escapado dela sem resultar ofensivo ou direto.

Sorrindo para si, elevou com dissimulação o olhar e se fixou nos traços do marquês. Não se podia negar que era atraente com seu cabelo claro e os olhos de um azul intenso. De ombros largos e fortes braços, parecia mais um camponês que um nobre. Não obstante, seu aspecto perdia a importância quando comparado com seu escasso caráter.

Desde que se tinham cruzado ele mal tinha trocado duas palavras com Brianna e nenhuma com ela.

Na opinião de Alice, ser atraente não servia de nada se não ia acompanhado de algo mais substancial como o engenho, a inteligência ou ambas as coisas ao mesmo tempo.

Ele notou seu escrutínio e lhe devolveu o olhar com aberta curiosidade. Nenhuma moça o tinha observado com tanto descaramento antes.

Por outro lado, tampouco conhecia Lady Alice. Não tinha tido muito trato com sua família, apenas um pouco com

Martin, e só porque frequentavam os mesmos lugares, embora, tinha que reconhecer, havia sentido sua perda.

As poucas vezes nas quais tinha falado com o visconde de Ghier ele lhe tinha parecido um cavalheiro digno de seu respeito.

— Você é o mais aborrecido do grupo, não é? — Perguntou ela de um modo muito direto para uma dama.

Lucius Whinthrope, décimo segundo marquês de Hawkscliffe, olhou-a como se lhe tivessem crescido serpentes no cabelo, igual a medusa.

— E suponho que você, milady, é a mais descarada dele.

Alice sorriu pela primeira vez desde que ficou sozinha com ele.

Era evidente que não esperava essa resposta, por isso o aberto ataque do marquês o fez ganhar pontos inesperados.

— Exatamente. Alegra-me que tenha descoberto tão rápido — ela voltou a rir.

Ele ficou absorto em sua risada. A moça era bonita, mas quando sorria ficava maravilhosa. Seus olhos se esticavam e brilhavam enquanto sua boca invadia por completo seu rosto de pele perfeita.

— Parece-lhe divertido?

— Muito.

— Alegra-me entretê-la.

— Não se ofenda. Acabo de descobrir que você é mais do que eu esperava e eu gosto. Por isso sorrio.

— Nesse caso tomarei como um elogio e lhe agradecerei.

— Por nada, milorde!

Capítulo 15

«Carol, vou casar-me e não desejo outra coisa mais que esteja comigo. Por favor, retorne a Inglaterra, necessito-a mais que nunca. Acredito que estou a ponto de cometer a maior loucura da minha vida.»

*Fragmento da carta que Lady Vitória enviou à sua amiga
Lady Caroline Whinthrop (Devolvida sem abrir).*

Sebastian tinha ido visitá-la a cada dia desde que anunciaram seu compromisso. Entretanto, sua relação se esfriou tanto que Vitória estava segura de que seu matrimônio ia ser um desastre.

Desde o primeiro momento lhe tinha ficado claro que o único motivo pelo qual lhe tinha proposto matrimônio era para proteger sua reputação. Em nenhum momento lhe falou de amor ou, nem mesmo, de atração ou afeto, os únicos motivos pelos quais Vitória teria aceito casar-se, se sua relação tivesse seguido seu curso natural.

Tanto era assim, que, por mais que sua mãe se mostrasse flexível e os deixasse a cada tarde uns minutos a sós, sua conversação era insossa e banal. E ele estabelecia uma distância intransponível, tanto física quanto emocional.

Até que uma tarde em que a condessa voltou a deixá-los a

sós, Sebastian a surpreendeu ao aproximar-se mais dela no sofá no qual se desenvolvia parte de seu cortejo.

— Sei que não deseja se casar comigo — a surpreendeu dizendo. — De modo que decidi que o melhor que posso fazer é a compensar por ter que fazê-lo contra sua vontade — comentou ao mesmo tempo que sorria com malícia.

— Não me obrigou.

— É possível, mas não escolheu por si mesma e sim pelas circunstâncias.

Vitória sentiu que o sangue fervia em suas veias. Era a primeira vez em dias que Sebastian se mostrava como o galante libertino que ela recordava. Estava tão perto que podia cheirar seu aroma a tabaco e colônia masculina.

— O que quer dizer?

— Dou-lhe a primeira recompensa? — Ofereceu elevando a mão para pousá-la com delicadeza em sua bochecha.

Ela assentiu, nervosa pelo que podia acontecer a seguir.

Sem dizer nada mais, Sebastian abaixou a cabeça e a beijou. Seus lábios pressionaram os dela, que, com um suspiro, separou os seus para que ele aprofundasse o beijo. Vitória sentiu como se ele se afundasse nela e ela se perdesse nele. A sensação de suas línguas tocando-se, de suas mãos lhe acariciando os seios por cima de seu fino vestido de tarde encheu-a de uma urgência cada vez mais ardente que crescia e exigia algo... algo ao qual ela não podia dar nome, mas que desejava com desespero.

De repente as mãos e os lábios dele desapareceram, e ante o repentino abandono emitiu um gemido de protesto.

Sebastian a olhava com uma mescla de satisfação e de desejo que arrepiava a pele de Vitória.

— Quando nos casarmos haverá muito mais, — prometeu — mas até então vou lhe mostrar quão prazeroso vai ser estar unida a mim.

Sem acrescentar nada mais retornou à sua posição inicial, preocupado que a condessa voltasse e adivinhasse o que acabava de acontecer entre eles. Tinha tido que conter-se para não lhe afundar os dedos no cabelo e se delatar.

Desejava que Torie quisesse casar-se com ele, mas para isso não pretendia chegar tão longe e seduzi-la por completo nem que a condessa se preocupasse e acelerasse o enlace.

Vitória merecia seu respeito e por mais que lhe custasse manter a calma quando a tocava, estava decidido a esperar a noite de casamento para reivindicá-la como dele. Ia desfrutá-la com a calma e o mimo que merecia.

Capítulo 16

*«Outro compromisso a celebrar nesta temporada no qual o amor está ganhando a batalha aos casamentos adequados...»
Revista Segredos da Sociedade.*

Desde aquele primeiro beijo escondido de sua mãe, tinham compartilhado muitos iguais. E, embora Vitória desfrutasse de cada um deles, tinha a sensação de que Sebastian se retinha.

Essa noite, no baile dos Calverton, tinha estado a ponto de lhe perguntar, mas a duquesa viúva e sua mãe a tinham monopolizado para lhe comentar alguns detalhes sobre o casamento.

Quando por fim Sebastian tinha ido resgatá-la, tinha-a arrastado para fora do salão de baile sem lhe dar nenhuma explicação nem lhe dar opções para perguntar.

Sebastian puxou-a enquanto caminhavam pelos corredores da casa dos Calverton até à zona menos transitada pelos serventes, que seguiam levando comida à festa para abastecer a mesa de refrigerios.

Conteve-se todo o tempo possível, mas tinha chegado o momento de dar à sua prometida a seguinte recompensa.

Aprisionou-a contra a parede e a beijou com mais intensidade do que costumava usar com ela. Com delicadeza

para não a assustar, deslizou sua mão por debaixo do tecido de seu vestido até que este esteve enrugado entre o corpo de ambos.

— Torie, quer receber sua seguinte recompensa por ser minha esposa?

Ela assentiu ainda aturdida pelos beijos.

— Se apoie contra a parede e segura sua saia aqui — pediu com a voz rouca colocando a frente do vestido no peito que o decote do vestido deixava descoberto. Se elevasse a cabeça e se topasse com seus seios ia ser impossível se controlar — e por nada do mundo afaste o vestido de seu peito nem grite, ou nos pegarão imediatamente.

— Por que ia gritar? Vai me ferir?

Sebastian riu contra a pele sedosa de seu ventre.

— Não, querida, só vou acaricia-la. Você gosta que a acaricie?

— Sim, eu gosto.

O comentário não conseguiu tranquilizar Vitória, que segurou com mais força a saia que a tinha feito sustentar.

— Abra um pouco as pernas.

— Sebastian, não acredito que...

Ele elevou a cabeça para olhá-la. Parecia preocupada, apesar da semiescuridão podia notar a tensão que a embargava. Levantou-se de um salto e lhe acariciou a bochecha.

— Você também gosta quando a beijo?

Vitória assentiu com veemência.

— Bem! Então confie em mim, querida e abra as pernas

para que eu possa a beijar e acariciar como você gosta.

Ainda indecisa fez o que lhe pedia embora tivesse que controlar-se para não voltar a juntá-las quando Sebastian voltou a agachar-se.

— Recorde, linda, não grite.

A réplica ficou obstruída na garganta de Vitória porque, assim que ele pousou os lábios em seu centro, foi incapaz de pensar em nada com sentido.

Sebastian estava cumprindo sua promessa e lhe estava fazendo exatamente o mesmo que sua língua fazia em sua boca, só que desta vez era mais intenso, mais... sentiu como introduzia com cuidado um dedo em seu interior. Fechou os olhos aturdida pelas sensações que estava experimentando.

Ele voltou a acariciá-la com a língua, com os dedos...

— Querida, não grite — pediu, e foi quando Vitória se deu conta de que tinha emitido um som de prazer muito forte para o lugar no qual estavam.

— Sebastian, eu...

— Deixe-se ir, linda. Só deixe-se ir.

Não soube ao que se referia até que sentiu o calor em seu ventre e a sensação mais maravilhosa que jamais tinha experimentado a embargou com tanta intensidade que lhe fraquejaram as pernas.

Ele a segurou com força e, quando abriu os olhos, topou-se com ele que estava sustentando-a, olhando-a com uma expressão indecifrável.

— Me diga que não se arrepende de ter que se casar comigo — havia tal intensidade em suas palavras que Vitória

atuou por instinto, aproximou seu rosto ao dele e o beijou.

— Nunca me arrependerei — murmurou quando se afastou.

Capítulo 17

«*Nunca me arrependerei*», havia dito Vitória, mas era verdade ou tinha sido uma reação natural às suas carícias?

Sebastian nunca teria imaginado que seu minucioso plano seguiria um curso tão distinto ao que tinha imaginado. As coisas se precipitaram e não tinha havido maneira de contê-las.

Sua intenção era conquistar Vitória pouco a pouco. Não obstante, seu maldito ciúme tinha desencadeado o compromisso que esperara que chegasse no momento adequado.

Ao final ia ter que dar razão a Lady Berbrooke e jogar a culpa em seus olhos verdes, pensou com um sorriso.

Se não tivesse pedido que lhe reservasse todas e cada uma das valsas teria podido lhe propor matrimônio com a certeza de que se o aceitasse como marido era por si mesmo e não para evitar o escândalo.

Mas vê-la nos braços de qualquer outro cavalheiro tinha despertado nele um ciúme tão intenso que arriscou todos os seus progressos com o fim de afastá-la de possíveis rivais.

Tirou o relógio do bolso do colete e comprovou que era quase a hora de jantar, pensou em ir ao clube, mas ao elevar a cabeça se deu conta de onde se dirigia de um modo inconsciente, desde o instante em que saiu de sua casa.

Estava em meio a Grosvenor Square, às portas de seu antigo lar.

Pensou então em Marcus e em suas habituais chatices e se perguntou se não teria ido até ali, porque, em seu foro interno, sabia que necessitava do conselho de seu irmão mais velho.

Nem sequer foi necessário que chamasse. A porta se abriu ante ele e atrás dela apareceu o sempre oportuno Hudson, mordomo da família desde a época em que seu pai ainda vivia.

— O duque o está esperando em seu escritório -anunciou com solenidade.

Sebastian demorou escassos segundos em responder, tentando assimilar as palavras do homem.

— Como sabia sua excelência que eu ia vir se esta ideia foi imprevista inclusive para mim?

— O duque está há dias esperando sua visita, milorde — e acrescentou permitindo um ligeiro sorriso: — Por favor, me permita que o felicite por seu recente compromisso.

— Obrigado, Hudson.

O mordomo inclinou a cabeça a modo de resposta.

Sebastian não voltou a falar. Manteve-se em silêncio enquanto Hudson pegava sua jaqueta e seu chapéu e o dava ao laçao para que o guardasse até sua saída.

— Não precisa me acompanhar. Conheço o caminho.

— Como desejar, milorde.

— Onde está Brianna? — Inquiriu Sebastian entrando nos domínios de seu irmão.

O duque elevou a cabeça dos papéis que estava revisando.

— Veio até aqui só para me perguntar pelo paradeiro da minha esposa? — Perguntou ao mesmo tempo que se levantava de sua cadeira atrás da escrivaninha e se aproximava até o aparador das bebidas, para servir duas taças de brandy. — Foi a um baile com seus pais e sua irmã.

A menção de Vitória fez Sebastian reagir.

— É evidente que não. Só tratava de romper o gelo.

Marcus arqueou uma sobrancelha.

— De acordo, já o fez, agora falemos do que o preocupa — ofereceu com calma.

Sebastian esvaziou de um gole seu copo e estendeu o braço para que seu irmão voltasse a encher.

— Se espera que eu fale dos meus sentimentos vai ter que me dar algo mais forte que o brandy — protestou com um sorriso.

— Te darei uma garrafa inteira se com isso consigo que me conte de uma vez o que te preocupa.

— Trato feito!

Marcus, que havia tornado a lhe encher o copo, sentou-se em uma das poltronas gêmeas, que havia em seu escritório, esperando que o gesto fosse tomado por Sebastian como um convite para que fizesse o mesmo.

A contragosto seguiu seu exemplo e tomou assento.

— Sinto que forcei Vitória a casar-se comigo e não era assim como queria que acontecesse — disse por fim.

— De verdade pensa assim?

Sebastian assentiu e esvaziou de novo seu copo.

— Nesse caso está mais cego que qualquer um que eu

conheça. Vitória está apaixonada por você há muito tempo. Estou seguro de que sonhou de mil maneiras diferentes o que seria casar-se com você.

— Eu não diria isso.

— Você não é tão preparado como eu — argumentou tentando diminuir a seriedade do assunto.

— Tem razão, tinha esquecido que o título de duque vem com uma dose insalubre de superioridade.

Marcus nem sequer se alterou pelo dardo.

— Deveria lhe contar a verdade.

— E que verdade deveria lhe contar, segundo seus amplos conhecimentos em matéria feminina?

— Que está apaixonado por ela. Que sempre estive e que o único motivo pelo qual nunca lhe disse nada é porque acreditava que ia ter tempo. Então quando ela te disse que estava decidida a casar-se nesta temporada entrou em pânico e precipitou as coisas. — E acrescentou com um suspiro cansado. — Tudo teria sido mais fácil se houvesse lhe dito a verdade.

— É um maldito duque dos pés à cabeça.

Marcus riu, encantado.

— Porque sempre tenho razão?

— Porque não pode evitar desfrutar cada vez que a tem.

Capítulo 18

«Sebastian me ama. Não poderia ser mais feliz. Bom, estou segura de que seria um pouco mais se chegasse a tempo ao meu casamento.»

*Fragmento da carta que Lady Vitória enviou à sua amiga
Lady Caroline Whinthrop (Devolvida sem abrir).*

Os condes acabavam de chegar do baile ao qual tinham ido essa noite com suas duas filhas, quando o duque e Sebastian se plantaram em sua porta, bêbados e sorridentes.

Assim que Brianna viu o estado no qual se encontrava seu marido desceu a toda pressa da carruagem para assegurar-se de que estava bem.

— Marcus, está bêbado?

— Ligeiramente bêbado, querida.

— Não posso acreditar nisso. Deixei-o em casa para que pudesse falar com ele tranquilamente, — assinalou a Sebastian que tentava subir as escadas o mais erguido possível — e ao retornar o encontro neste estado.

— Tecnicamente não retornou, meu amor. Estamos em plena rua.

— Marcus Middlethorpe, sobe imediatamente à carruagem. Partiremos para casa.

— Não posso. Tenho que acompanhar meu irmão para que fale com seu pai.

— A estas horas?

— É um assunto de suma importância que não pode esperar a manhã.

Seu marido a olhou perspicaz.

— Tem algo a ver com Torie?

Marcus assentiu e ao fazê-lo cambaleou ligeiramente.

— Vai fazer a minha irmã feliz ao saber?

— Imensamente feliz.

— Nesse caso os ajudarei, mas mais tarde você e eu teremos um bate-papo.

O mordomo dos condes já tinha aberto a porta para que entrasse Sebastian, por isso Brianna e Marcus o puderam seguir sem problemas.

— Mãe, sinto muito, mas ao que parece é de suma importância que Sebastian fale com Vitória.

— É claro.

— O que está acontecendo aqui? — Trovejou o conde saindo de seu escritório com um charuto aceso nos lábios.

— Nada, querido, coisas de apaixonados.

— Rothgar, está bêbado? — A resposta era mais que evidente, portanto ninguém se deu ao trabalho de responder ao conde.

— Cooper, por favor, que alguém avise Vitória que se requer sua presença na biblioteca. — A condessa tomou as rédeas da situação. — Agora já pode levar seu marido para casa.

— Sim, mãe.

— Sebastian, Cooper o acompanhará à biblioteca, por favor, tome assento e espere que chegue a minha filha. E, Sebastian...

— Sim, milady.

— Não toque o brandy. Por hoje já bebeu mais que o suficiente.

Vitória estava com o mesmo vestido que tinha usado na festa. Só tinha tido tempo de soltar o cabelo antes que a avisassem de que tinha uma visita.

Sob nenhum conceito era hora para visitas, por isso a toda pressa desceu as escadas e entrou na biblioteca, onde encontrou seu prometido.

— Sebastian, o que aconteceu?

Ele a olhou fixamente, detendo seu escrutínio em sua formosa cabeleira solta.

— Meu irmão é um imbecil pomposo que sempre tem razão, então o melhor que posso fazer é seguir seu maldito conselho e lhe contar a verdade — confessou com a voz pastosa.

— Está bêbado?

— Pode ser que esteja um pouco, mas essa parte não é importante.

Fez um gesto com a mão assinalando o espaço vazio ao seu lado no divã e Vitória cruzou a sala para sentar-se.

— Qual é a parte importante?

— Que te amo — afirmou ele como se não acabasse de declarar-se.

— Pode repetir?

— Amo-te e sou um estúpido ciumento. A culpa é da cor dos meus olhos. Eu não sabia, mas Lady Berbrooke me contou o que significava ter os olhos verdes.

— Não entendo do que fala.

Sebastian suspirou e elevou a mão para apanhar uma mecha dourada entre os dedos.

— Parece que as pessoas com os olhos verdes são ciumentas por natureza e não há dúvida de que eu sou. E por culpa desse defeito meu plano de a conquistar foi ao chão.

Vitória demorou uns segundos para fazer outra coisa distinta a sorrir como uma parva.

— O que acha de me explicar isso melhor? Mas antes... -se inclinou para o beijar. Sua boca tinha sabor de brandy. Afastou-se com rapidez porque não queria perder o fio da conversação — eu também te amo. Agora conte-me tudo pouco a pouco.

— Ama-me?

— Sim.

— Não se casa comigo por obrigação?

— Caso-me com você porque quero. Porque te amo, na realidade.

— Isso é tudo o que eu precisava saber — confessou segurando-a pelos ombros para aproximá-la mais dele e beijando-a com toda a paixão que tinha reprimido durante tanto tempo.

Capítulo 19

Lady Alice acabava de compreender, muito tarde, que convidar Lorde Burns para dar um passeio pelo jardim dos Halse era uma completa perda de tempo. O baronete nem sequer tinha tentado lhe beijar a mão e, inclusive, negou-se a caminhar pela zona menos iluminada, alegando que não era adequado que uma dama solteira e sem acompanhante passeasse pelo braço de um homem.

— Estamos em um baile, milorde, não são necessárias as acompanhantes.

— Agora mesmo estamos no jardim, Lady Alice.

— Obrigada pela elucidação — disse com ironia. Não obstante, o baronete foi incapaz de entender o duplo sentido de suas palavras.

— O melhor seria que retornássemos ao baile.

— Faz muito calor lá dentro. Por que não damos outro passeio?

Lorde Burns enrugou a testa como se estivesse medindo os prós e os contra de aceitar a petição da dama.

Foi nesse instante que Alice teve ciência que tinha que tirar o barão de sua lista e que suas possibilidades de se ver livre do jugo de sua família diminuía dramaticamente.

— Insisto em que devemos voltar — apressou-a ao ver que

ela não estava disposta a partir.

A dama suspirou antes de falar.

— Retorne você, eu ficarei aqui mais uns minutos — assinalou o banco de pedra mais próximo e se dirigiu a ele.

— Não posso deixá-la aqui sozinha. Não é correto.

— Eu a escoltarei quando quiser retornar — anunciou uma voz acostuada a dar ordens.

Ambos se voltaram para topar-se com a inesperada presença do marquês de Hawkscliffe, quem ao que parecia também tinha saído para tomar ar.

— Não acredito que... — começou Burns.

— Agradeço-lhe o gesto, milorde — disse ela olhando ao marquês. — A verdade é que não desejo retornar tão cedo.

«*Se fosse possível não retornaria jamais*», pensou com tristeza.

— Já escutou a dama, Burns, eu a escoltarei de volta quando desejar fazê-lo.

— Muito bem. Lady Alice — fez uma inclinação de cabeça em sua direção. — Hawkscliffe.

O marquês correspondeu com um gesto igualmente direto e centrou toda sua atenção na mulher que seguia ao seu lado.

— Por que saiu com um almofadinha como Burns?

— Não ficam muitas opções — confessou sem fingimentos. Ele a olhou confuso.

— Do que fala?

— Não tem importância. Por que você saiu?

Sorriu antes de responder.

— Meus motivos também são banais.

Alice riu abertamente e ele a achou linda.

— Parece que nossas conversações estão condenadas ao fracasso.

— Acredito que nesse ponto vou ter que lhe dar a razão — admitiu com uma expressão divertida.

— Lamento.

— Por quê?

Ela voltou a sorrir.

— Porque sei quanto lamenta ter que me dar a razão em algo.

Capítulo 20

«Outro casamento mais a acrescentar nesta temporada aos enlaces por amor. Parece que a nobreza está se abrandando. Qual será o próximo? Nesta redação apostamos pelo de Lady A e Lorde L. Já sabem o que dizem, que não há dois sem três.»

Revista Segredos da Sociedade.

O casamento foi tão lindos como cabia esperar de um casal apaixonado.

Caroline Whinthrope chegou a tempo para acompanhar sua amiga, e a noiva foi das mais formosas que jamais se viram.

A surpresa foi que esta escolhesse um vestido verde musgo, da mesma cor que os olhos de seu marido, para contrair matrimônio com ele.

O café da manhã de bodas esteve organizado tanto pela mãe do noivo como pela mãe da noiva, que não podiam estar mais contentes.

Não obstante, o momento que o casal recordaria para sempre chegou um pouco mais tarde, quando os noivos se retiraram ao qual ia ser seu lar.

Sebastian golpeou brandamente com os nódulos a porta do dormitório de sua esposa. Ambos se negavam a dormir em camas separadas, por isso esse tinha sido o eleito por ambos para fazê-lo próprio.

— Adiante!

Entrou com apenas uma bata. Ia descalço e esse pequeno detalhe fez com que o coração de Vitória bombeasse com força em seu peito.

— Boa noite, esposa.

Ela sorriu, encantada.

— Boa noite, marido.

Sebastian fechou a porta atrás de si e caminhou para deter-se a escassos centímetros dela.

Depois de um momento passeando seu olhar por seu lindo corpo apenas coberto pela camisola, pegou as finas alças de seda e os desceu pelos ombros, agradecendo mentalmente a Brianna, por dar de presente semelhante peça à sua irmã.

— Meu Deus! É linda — sussurrou ele, e com os nódulos acariciou brandamente os topos dos seios e o vale entre eles.

Vitória estremeceu de prazer.

Pegou-lhe uma mecha de cabelo e o aspirou; depois baixou a cabeça para a dela e lhe acariciou o rosto e o pescoço com beijos ligeiros, descendo até que seu fôlego lhe acariciou os seios.

Brandamente Sebastian começou uma exploração mais conscienciosa de seus seios com os lábios e a língua, puxando, sugando e mordiscando até que ela acreditou estar ficando louca. Quando lhe desceu a camisola até mais abaixo dos

quadris, já quase não podia respirar.

Seu marido interrompeu um instante as carícias para tirar a bata e então ela sentiu deslizar-se seu volumoso membro pela coxa, vibrando contra sua pele nua.

Pegou-lhe a mão e se inclinou a beijá-la.

— Me toque, Torie — sussurrou junto aos seus lábios, guiando sua mão para que descobrisse sua paixão.

Acariciou-o com dedos torpes, mas nem a mais acostumada das cortesãs teria conseguido despertar as sensações que ela lhe despertava.

Agarrou-lhe um mamilo entre os dentes e puxou-o com delicadeza. Quando lhe introduziu os dedos por entre as pernas e lhe tocou o núcleo, entrecortou-lhe a respiração e se afundou mais no colchão de plumas, alarmada pelas deliciosas sensações eróticas e de leveza. Já a havia tocado daquele modo em outra ocasião, mas a experiência essa noite estava sendo muito mais intensa.

Sebastian continuou acariciando-a, incentivando-a a abrir as pernas. Afundou o rosto em seus seios, sugando-os enquanto com o membro lhe acariciava o abdômen e as coxas, queimando-lhe a pele com seu calor. Ela se aferrou às mantas quando lhe introduziu lentamente um dedo, logo dois e a obrigou brandamente a abrir-se. Ficou em cima dela, abrindo-lhe as pernas com o joelho e baixando o corpo até que sua virilidade lhe roçou o montículo de seu sexo.

— Está preparada para a recompensa final? — Perguntou, guiando o aveludado extremo de seu membro até ela.

— Acredito que sim.

Sebastian riu pela ocorrência.

Então, brandamente e muito, muito lentamente, penetrou-a um pouquinho, avançou outro pouquinho e outro pouquinho, então acomodou seu corpo ao dela para começar um delicado movimento dentro de seu corpo. Beijou-a meigamente, pegando o lábio inferior entre os dentes, fazendo girar a língua dentro de sua boca sem interromper seu delicioso assalto. Seu marido apoiou seu corpo nela e acomodou o rosto em seu pescoço, ao mesmo tempo que com cuidado a penetrava, enterrando-se nela.

Sebastian não soube se seu gemido afogado era de dor ou de temor.

— Está bem, querida?

Vitória assentiu, com os olhos fechados.

Ele a beijou, tentando acalmá-la, mas estar dentro dela era tão intenso, tão maravilhoso que não pôde ficar quieto muito mais.

— Torie, agora vou mover-me. Por favor, me diga se te fizer mal — pediu com a voz rouca de tanto conter-se.

— Sim — disse ela quando ele começou a retirar-se com cuidado.

— Sim, te faço mal?

Vitória voltou a negar com a cabeça.

— Sim que lhe direi se me fizer isso.

Sebastian a beijou na testa e voltou a deslizar com cuidado, dentro e fora de seu corpo. Aumentou o ritmo quando ela começou a arquear-se para recebê-lo.

E seguiu repetindo o atormentador movimento até que a

liberação chegou a ambos ao mesmo tempo.

Permaneceram abraçados durante um momento, cada um tratando de recuperar o fôlego. Vitória sentiu os rápidos batimentos do coração de seu marido sobre seu peito.

— Amo-te, esposa — sussurrou sobre seu pescoço.

— Eu também te amo. Sempre te amei. Mesmo quando tentei não fazê-lo.

— Sou o homem mais afortunado de toda Londres. - Estreitou-a mais contra si e lhe beijou o oco atrás de sua orelha. — O maldito homem mais afortunado do mundo.